

V SEMINÁRIO INTEGRADO  
DE  
ENSINO DE LÍNGUAS E LITERATURA

Tema:  
O processo de avaliação no ensino de  
línguas e literatura

ANAIS

## APRESENTAÇÃO

Os cursos de pós-graduação, por sua natureza, têm como função produzir conhecimento, através da pesquisa e do debate em nível acadêmico. Suas metas, entretanto, seriam esvaziadas se os conteúdos advindos desses trabalhos restassem no âmbito da Universidade. É mister, pois, dar às conquistas obtidas um cunho social, estendendo seus efeitos à comunidade maior. No caso específico das Letras, o ensino de 1º e 2º graus deve beneficiar-se dos conhecimentos gerados pelo Pós-Graduação.

Esse é o espírito que tem movido os coordenadores do Seminário Integrado de Ensino de Línguas e Literatura, em que os esforços da PUCRS e do YÁZIGI se aliam para discutir temas atinentes à educação brasileira atual, no que se refere ao ensino das ciências da linguagem.

Como um dos pontos cruciais da questão diz respeito ao processo de avaliação de ensino-aprendizagem, elegeu-se tal tópico para centrar o debate. Nesse sentido, foram organizadas palestras e mesas redondas, identificadas segundo as diferentes áreas — Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras, Literatura — que levantaram problemas e buscaram respostas, contribuindo para a melhoria do desempenho escolar.

Os textos que seguem documentam e historiam o evento realizado, constituindo-se, ainda, em material bibliográfico útil aos estudiosos dos tópicos referentes à avaliação nas aulas de línguas e literatura.

*Comissão Organizadora*

## QUEM AVALIA QUEM?

**Maria Beatriz Pauperio Titton**

Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre

“Um cientista francês estudou umas lagartas do tamanho de um giz, chamadas processionárias. Elas comem folhas de pinheiro, mas têm um estranho costume: só andam uma atrás da outra e tão coladas, que uma encosta na anterior; são meio ceguinhas. O cientista quis verificar como elas se comportariam se ele fizesse a primeira encostar sua cabeça no traseiro da última. Ficaram em roda. Depois, pegou um vaso comum, grande, e colocou as lagartas na borda do vaso, ao redor. Depois de arrumadas, começaram a andar uma atrás da outra e a primeira fechava o círculo atrás da última. Ele colocou a comida de que elas mais gostavam no meio do vaso. Todas morreram de fome, porque nenhuma saiu da formação para buscar a comida que quase encostava nelas. Ficaram dias girando, girando...”

Diante dos baixos índices de aprovação, principalmente nas séries iniciais do 1º Grau, como portamo-nos, os professores? Diante do número significativo de alunos que se evadem da escola, o que fazemos nós, os professores?

Sugiro a questão “quem avalia quem?” quando 50% das crianças reprovadas na 1ª série atestam que a escola não tem conseguido cumprir sua função; ou então, quando tantas crianças e jovens afastam-se da escola, comprovando que o acesso a ela não é garantia de permanência, de aceitação.

No Mutirão da Educação, realizado pela SMED/POA, com a certeza de que o aluno excedente não é só aquele que não conseguiu vaga nas escolas, mas também, e principalmente, o aluno que já desistiu de procurar a chance do acesso à escola, os depoimentos de famílias, crianças e jovens nas vilas populares de Porto Alegre

(entrevistados por equipes de sociólogos e antropólogos) revelaram que a evasão escolar é impulsionada basicamente pelo sentimento de fracasso. Para as classes populares, a escola, na medida em que nega seus anseios e suas vivências, exclui-as do processo educacional, expulsando-as da instituição escolar.

Quem avalia quem quando pais, alunos e professores queixam-se da escola?

É preciso reconhecer que as crianças e jovens de hoje são diferentes das que ocupavam os bancos escolares de ontem. "Os tempos mudaram", dizemos todos, as experiências são diferentes e mais ricas e a escola também mudou. Modificou-se ao abrir suas portas para um número maior de alunos, massificando-se e dando acesso às classes populares. A seleção na entrada, na forma de exames, deixou de existir, isto não podemos negar. Mas a seleção continua a acontecer dentro da escola, porque o inspirador dos currículos escolares continua sendo o aluno de classes sociais mais favorecidas, que vê contempladas as suas experiências, o seu vocabulário, seus hábitos e seus costumes.

Mesmo assim, questiono os currículos que aí estão, também, pensando nesses alunos que, hoje, são mais questionadores, ativos, participativos e com experiências de vida de fazer inveja ao próprio professor. Afinal, as salas de aula continuam com as classes enfileiradas, o quadro-verde continua indispensável e os livros didáticos, principalmente as cartilhas, continuam com textos que nada tem a ver com quem manuseia computadores e videocassetes. Textos que, com certeza, não contribuem para o desenvolvimento do raciocínio lógico, a não ser que o desafio seja exatamente descobrir a lógica neles existentes.

A educação, através principalmente da escola, tem que contar com o compromisso político do professor, na medida em que este envolve-se na busca de soluções para todos esses problemas. É o professor um profissional da educação, e estão aí, "no meio do vaso", à disposição do professor, as novas descobertas no campo do ensino e da aprendizagem. Aceitar o fato de que as aprendizagens acontecem dentro e fora da escola, que as aprendizagens não dependem do "ensino" do professor, mas que acontecem mais facilmente com o incentivo do professor, o qual não é dono do saber e do conhecimento, esse é o grande desafio.

Aceitar desmistificar a influência determinante das condições nutricionais e sócio-emocionais no fracasso escolar, opondo-se à transformação da escola em refeitório, consultório e/ou dormitório, isso também faz parte do desafio.

A Secretaria Municipal de Educação/POA está concentrando esforços no sentido de proporcionar a seus professores atualização pedagógica, incentivando a reflexão da prática, do cotidiano, a luz das novas teorias. Tendo como ponto de partida a alfabetização e a influência de seus efeitos sobre toda a vida escolar, almeja-se incentivar a construção de uma proposta pedagógica ao nível das exigências atuais.

A participação de pais e alunos na construção da proposta didática do professor, através de avaliações mútuas, favorece a superação de muitas dificuldades. Algumas escolas da Rede Municipal de Ensino já estão realizando trabalhos no sentido de incluir no processo de avaliação de seus alunos elementos extraídos de conselhos participativos e reuniões com pais; a partir da avaliação mútua e cooperativa, são decididos os rumos da escola.

Dessa forma, tenta-se fugir das fórmulas mirabolantes e dos mil malabarismos que os professores precisam criar para determinar as "condições educacionais" que apresentam seus alunos.

E aí, como sentimos nós, os professores? Lagartas processionárias ou, à vista de tantas descobertas que ainda não conhecemos e entendemos, como "baratinhas" envenenadas, movimentando-nos sem ser nada? Querendo reorganizar tudo e não reorganizando nada ou andando em procissão, sem olharmos sequer para os lados, muito menos uns para os outros?

"A educação é muito mais controlável quando o professor segue o currículo padrão e os estudantes atuam como se só as palavras do professor contasse. Se os professores ou os alunos exercessem o poder de produzir conhecimento em classe, estariam então reafirmando seu poder de refazer a sociedade. A estrutura do conhecimento oficial é também a estrutura da autoridade social. É por isso que predominam o programa, as bibliografias e as aulas expositivas como formas de educacionais para conter os professores e os alunos nos limites do consenso oficial. O currículo passivo baseado em aulas expositivas não é somente uma prática pedagógica pobre. É o modelo de ensino mais compatível com a promoção da

autoridade dominante na sociedade e com a desativação de potencialidade criativa dos alunos.”<sup>2</sup>

## NOTAS

1. GANDIN, Danilo. *Escola e transformação social*. Rio de Janeiro, Vozes, 1988.
2. FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e ousadia – o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

## BIBLIOGRAFIA

- CECCON, Claudius et alii. *A vida na escola e a escola da vida*. Rio de Janeiro, Vozes, 1986.
- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e ousadia – o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- GANDIN, Danilo. *Escola e transformação social*. Rio de Janeiro, Vozes, 1988.
- LEMBO, John M. *Porque falham os professores*. São Paulo, EPU, 1975.
- VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. *Planejamento participativo na escola*. São Paulo, EPU, 1986.
- WERNECK, Hamilton. *Ensinaemos demais, aprendemos de menos*. Rio de Janeiro, Vozes, 1987.